

Covid-19: Políticas Públicas e as Respostas da Sociedade



Informação de qualidade para aperfeiçoar as políticas públicas e salvar vidas

Nota Técnica No. 19

Pandemia reduz as exportações brasileira de bens de alta complexidade. Ações públicas emergenciais são necessárias para evitar regressão ainda mais profunda da competitividade da economia

Conclusões Principais

- Os efeitos da crise nas exportações de bens de alta complexidade foram muito mais acentuados do que nas exportações de bens de baixa complexidade. As exportações tiveram queda maior nos estados com estrutura produtiva mais complexa enquanto as importações caíram mais nos estados com estrutura produtiva menos complexa.
- Os ganhos nas exportações estiveram concentrados nas regiões Norte e Centro-Oeste, além de Pernambuco, Piauí e Alagoas. Os demais estados registraram queda nos bens exportados.
- 17 estados brasileiros tiveram queda das exportações de bens de alta complexidade superior a 20% em relação ao primeiro semestre de 2019.
- Apenas 9 dos 27 estados tiveram aumento de importações em relação a 2019: Roraima, Piauí, Pará, Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas, Rio de Janeiro, Espírito Santo e o Distrito Federal (DF).
- 10 estados tiveram aumento das importações de alta tecnologia, o que tende a reforçar a perda de competitividade da produção doméstica desses setores.
- A grande maioria dos estados teve saldo comercial positivo em produtos de baixa complexidade e negativo em produtos de alta complexidade.
- Ocorreu um crescimento expressivo (6,4p.p.) na participação da China como principal destino das exportações brasileiras entre os primeiros semestres de 2019 e de 2020 e queda de 3,5p.p. da participação dos EUA.

Introdução

A pandemia gerou forte impacto nos fluxos de comércio internacional. O funcionamento da indústria foi paralisado ou desacelerado e o consumo foi reduzido por conta das restrições de circulação e aglomeração.

Antes da pandemia, o Brasil ainda não havia se recuperado da crise econômica dos últimos anos, que alavancou os números do desemprego para patamares preocupantes. O PIB brasileiro cresceu 1,1% em 2019, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹. Foi o desempenho mais fraco em 3 anos, com o resultado afetado principalmente pela perda de ritmo do consumo das famílias e dos investimentos privados. Em valores correntes, o PIB do ano passado totalizou R\$ 7,3 trilhões em 2019.

Em 2019, as exportações somaram US\$ 225 bilhões, uma queda de 5,8% em relação ao ano anterior (2018), que registrou US\$ 239 bilhões. Já as importações somaram US\$ 177 bilhões, uma queda de 2,1% sobre as compras internacionais em 2018.

No entanto, este cenário foi agravado pelo impacto do coronavírus. O FMI prevê queda de 9,1% para o PIB do Brasil neste ano². Além disso, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) prevê que a desaceleração do comércio internacional causada pela pandemia vai causar uma retração das exportações brasileiras entre 11% e 20% em 2020, levando as vendas do país para patamar inferior aos US\$ 200 bilhões³.

Este Boletim analisa os efeitos da crise atual sobre os fluxos comerciais nacionais e de cada um dos estados brasileiros durante os primeiros 6 meses de 2020. Para isso, foram utilizados dados de importação e exportação da plataforma Comexstat⁴.

A análise foi desenvolvida a partir da divisão dos produtos comercializados e estados segundo seu índice de complexidade⁵. Em linhas gerais, produtos complexos são aqueles produzidos por um número pequeno de países com estrutura produtiva diversificada, o que indica maior capacidade para a produção competitiva desses bens. Países complexos, por sua vez, são aqueles que produzem competitivamente uma cesta de bens mais diversificada e de maior complexidade. A complexidade econômica reflete, portanto, o nível de conhecimento incorporado na estrutura produtiva da economia, de forma que países com complexidade acima do esperado para seu nível de renda tendem a crescer mais do que países de alta renda.

A classificação setorial dos bens e dos estados é importante porque permite analisar como a produção de bens de maior complexidade estão associados a maiores taxas de crescimento do PIB per capita⁶. Além disso, estudos recentes mostraram que o aumento da complexidade econômica está também associado à redução da desigualdade⁷ à redução da intensidade de emissões de gases de efeito estufa⁸, colaborando, assim, para um crescimento econômico mais inclusivo e sustentável.

1 Disponível em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/contas-nacionais/9300-contas-nacionais-trimestrais.html?edicao=26998&t=destaques>.

2 Disponível em <https://www.imf.org/en/Publications/WEO/Issues/2020/06/24/WEOUpdateJune2020>.

3 Disponível em https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/wp-content/uploads/2020/04/CC47_NT_Comercio-externo-Covid-19.pdf

4 Disponível em <http://comexstat.mdic.gov.br>, Acesso em 01 de agosto, 2020

5 Hidalgo C.A.; Hausmann, R. (2009) The building blocks of economic complexity, *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 106(26), p. 10570–10575.

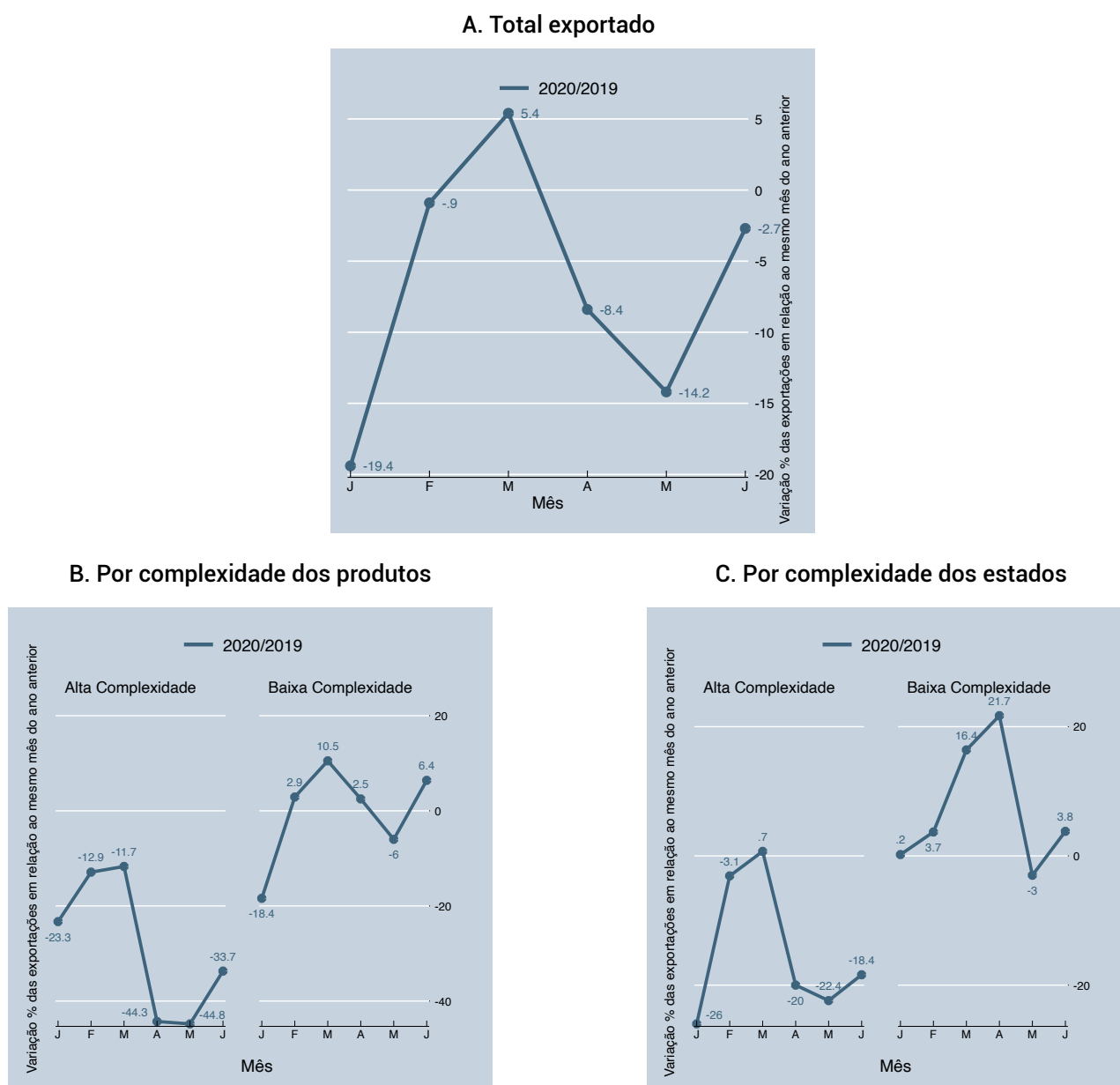
6 Hausmann, R.; Hidalgo C.A.; Bustos, S.; Coscia, M.; Chung, S.; Jimenez, J.; Simões, A.; Yildirim, M. A (2011) *The Atlas of Economic Complexity – Mapping Paths to prosperity*. Puritan Press, p. 364.

Exportações e importações

Em função da ausência de dados de comércio de outros países que possibilitem comparar os efeitos da epidemia nos diversos países, uma alternativa para analisar a profundidade do impacto da pandemia no comércio internacional brasileiro é comparar os valores das exportações e importações dos primeiros seis meses de 2020 com os valores dos mesmos meses de 2019.

A Figura 1A apresenta os movimentos das exportações brasileiras nos primeiros 6 meses de 2020 em relação aos primeiros 6 meses de 2019. Os números da figura indicam a variação percentual das exportações de cada mês em relação ao mesmo mês do ano anterior. Em janeiro de 2020 as exportações brasileiras foram 20% inferiores a 2019. Em fevereiro ocorre uma redução dessa diferença, e em março a valor exportado se torna 5,4% maior que o exportado nesse mês em 2019. A crise causada pela epidemia faz com que as exportações brasileiras se tornem novamente inferiores a 2019 em abril (-8,4%), e esse quadro se aprofunda em maio (-14,2%). Em junho, embora o valor exportado continue 2,7% inferior a 2019, já se observa uma redução dessa diferença de valores.

Figura 1 – Variação (%) das exportações brasileiras em relação ao mesmo mês do ano anterior no primeiro semestre de 2020



Fonte: Elaboração própria com base em dados do Comexstat.

A Figura 1B repete a análise da Figura 1A, mas agora dividindo os produtos exportados em dois grupos: produtos de baixa complexidade e de alta complexidade. A Figura 1C divide os estados entre aqueles com estrutura produtiva de baixa complexidade e aqueles com estrutura produtiva de alta complexidade. Os índices de complexidade das regiões e dos produtos são índices normalizados. Dessa forma, produtos que apresentam índice inferior a zero podem ser considerados produtos de baixa complexidade. Analogamente, os produtos com índice superior a zero são considerados produtos de alta complexidade. O mesmo vale para o índice de complexidade econômica utilizado para classificar as estruturas produtivas dos estados.

Dentre os produtos de alta complexidade exportados pelo Brasil em 2019, os 3 principais são Carros, Veículos de grande porte para construção e Turbinas a gás, que responderam por cerca de 3,6% das exportações brasileiras em 2019. Quanto aos produtos de baixa complexidade, Petróleo cru, Minério de ferro e Milho, são os 3 principais exportados, juntos esses produtos representaram cerca de 24% das exportações brasileiras em 2019. Os estados classificados como de alta complexidade são os das regiões Sul e Sudeste, e mais Amazonas (em função de Manaus), DF e Pernambuco.

Para os produtos de baixa complexidade, somente em janeiro e maio as exportações de 2020 foram inferiores às de 2019, o que ressalta o bom desempenho das exportações desses bens durante os primeiros 6 meses de 2020, apesar da pandemia. Para esses produtos o movimento foi semelhante ao movimento geral apresentado na Figura 1A: aumento entre janeiro e março de 2020, queda em abril e maio, e recuperação em junho. Para os produtos de alta complexidade, em todos os primeiros 6 meses de 2020 as exportações foram inferiores às de 2019, o que indica a piora desse setor. A queda observada nos meses de abril e maio foi particularmente impressionante: nesses meses as exportações brasileiras de bens de alta complexidade foram 44,3 e 44,8% inferiores aos mesmos meses de 2019, respectivamente. Além disso, a recuperação em junho foi também modesta, ficando ainda as exportações desses bens 33,7% menores do que no ano anterior.

Na análise por grupos de estados, o quadro é novamente semelhante ao movimento das exportações subdivididas por produtos de baixa e alta complexidade: a queda das exportações dos estados de baixa complexidade é inferior à queda dos estados de alta complexidade, e a recuperação das exportações desse último grupo é mais lenta.

Em resumo, a Figura 1 apresenta duas informações relevantes sobre os movimentos das exportações durante o primeiro semestre de 2020: (1) o efeito da crise nas exportações de bens de alta complexidade foi muito mais acentuado do que nas exportações de bens de baixa complexidade; e (2) a crise teve impacto maior nos estados com estrutura produtiva mais complexa.

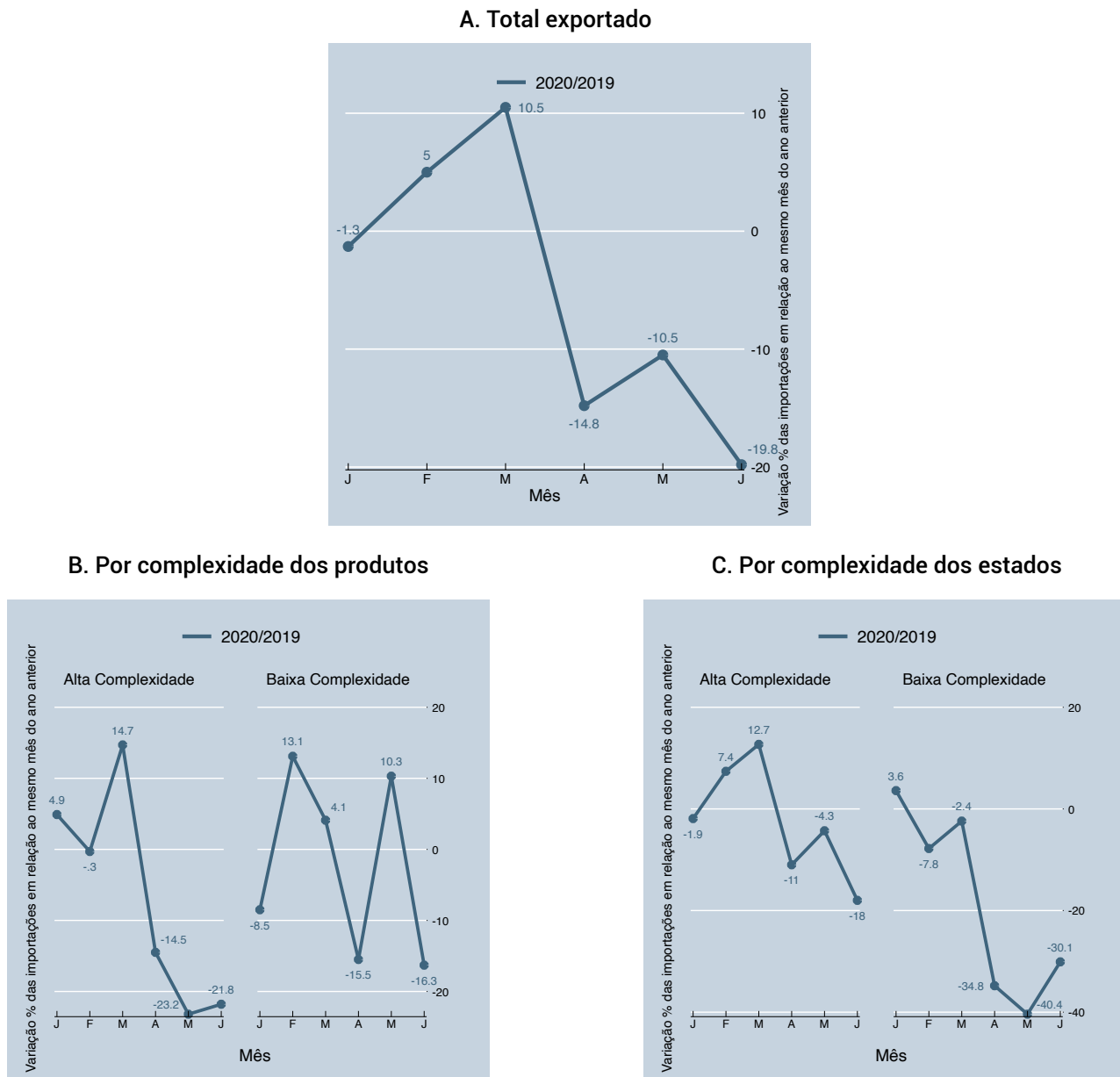
A Figura 2A apresenta os movimentos das importações brasileiras nos primeiros 6 meses de 2020 em relação aos primeiros 6 meses de 2019. O valor das importações apresentou melhora de janeiro a março e piora daí em diante. Em janeiro já se observava queda em relação ao mesmo mês do ano anterior. A diferença em relação a 2019 se torna positiva em fevereiro e março, mas com a epidemia tem forte queda nos meses de abril (-14,8%), maio (-10,5%) e junho (-19,8%).

7 Hartmann, D, Guevara, M, Jara-Figueroa, C, Aristarán, M, Hidalgo, C. (2017) Linking Economic Complexity, Institutions, and Income Inequality. *World Development*, v.93,p.75-93. Segundo o artigo, países que produzem e exportam produtos mais complexos tendem a ter instituições mais inclusivas e nível de desigualdade inferiores, mesmo quando controlando por educação e outras variáveis. Embora mais estudos sejam necessários pra entender com maior precisão como essa relação se processa, é provável que esse resultado esteja em boa medida relacionado ao tipo de emprego, de maior qualificação e remuneração, requerido para a produção de bens de maior complexidade.

8 Romero, J. P.; Gramkow, C. (2020) *Economic Complexity and Greenhouse Gas Emission Intensity*, Cambridge Centre for Economic and Public Policy Working Paper, WP-03-20, p. 1-32.

A Figura 2B repete a análise da Figura 2A separando os produtos de baixa e alta complexidade. Para os produtos de alta complexidade o movimento é bem semelhante ao das importações gerais, com a queda das importações desses bens chegando a -23,2% em maio de 2020. As importações de baixa complexidade apresentam movimentos bem distintos: passam de uma diferença negativa em relação a 2019 em janeiro para positiva em fevereiro e março, voltando a ser negativa em abril, e subindo para uma diferença positiva novamente em maio, para finalmente voltar a ser negativa em junho.

Figura 2 – Variação (%) das importações brasileiras em relação ao mesmo mês do ano anterior no primeiro semestre de 2020



Fonte: Elaboração própria com base em dados do Comexstat.

Já na Figura 2C, subdividindo os estados em baixa e alta complexidade, o padrão dos movimentos é novamente semelhante às importações totais do Brasil. O principal resultado aqui é a queda mais acentuada das importações dos estados de baixa complexidade, que chegaram a cair -40,4% em maio, enquanto a queda nos estados de alta complexidade chega a -18% em junho.

Em resumo, a Figura 2 apresenta duas informações relevantes sobre os movimentos das importações durante o primeiro semestre de 2020: (1) o efeito da crise nas importações de bens de alta complexidade foi mais acentuado do que nas importações de bens de baixa complexidade; e (2) a crise teve impacto maior nas importações dos estados com estrutura produtiva menos complexa.

Considerando grupos de produtos, o movimento das exportações e importações brasileiras apresentou uma queda das exportações na maioria dos grupos de produtos. As principais quedas no primeiro semestre de 2020 foram de Armas e munições (-41,3%), Artes e antiguidades (-87,4%), Instrumentos (-42,2%) e Transportes (-55,3%). Em relação as importações, as quedas mais relevantes foram nos produtos Plásticos e borracha (-3,5%), Produtos de Madeira (-11,6%), Produtos de origem vegetal (-3,4%), Produtos químicos (-2,1%), Instrumentos (-8,9%) e Máquinas (-3,2%). Por outro lado, houve um leve aumento nas importações de Derivados de vegetais e animais (1,2%) e Transportes (8,8%). E um expressivo aumento nas importações de Metais (27,8%) e Armas e munições (98,2%).

A Balança Comercial

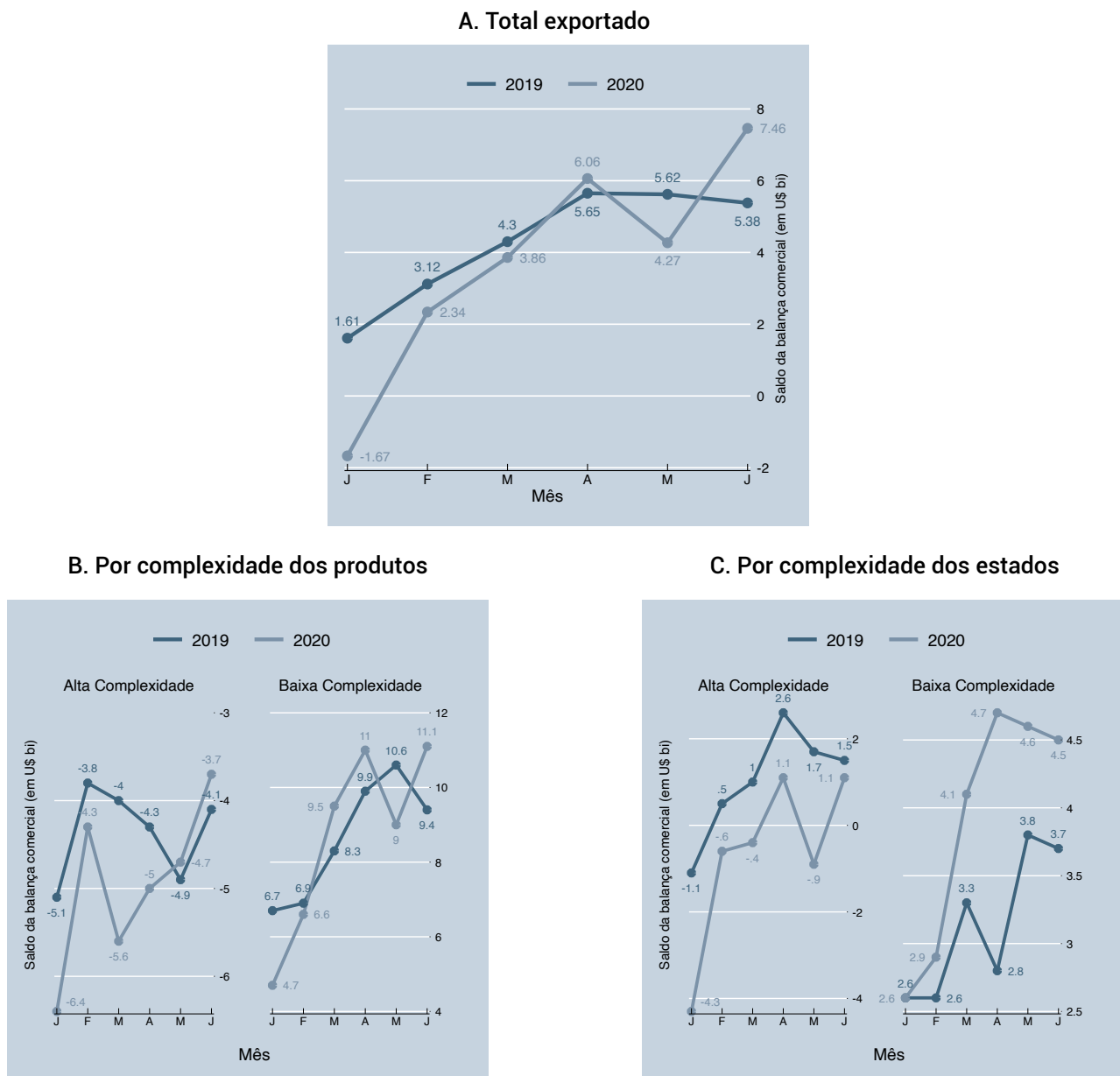
A Figura 3 apresenta os movimentos da balança comercial brasileira ao longo dos 6 primeiros meses de 2019 e 2020.

Pela Figura 3A, observa-se que o saldo mensal de 2020 seguiu padrão semelhante ao de 2019, exceto no mês de maio. Entre janeiro e abril verificou-se aumento do saldo comercial, estando os saldos de 2020 abaixo dos de 2019 nos três primeiros meses, e superando o saldo de 2019 em abril.

A Figura 3B apresenta os saldos comerciais para os produtos de baixa e de alta complexidade. O movimento do saldo comercial dos produtos de baixa complexidade é muito semelhante ao movimento do saldo geral, com a diferença que é positivo ao longo de todo o período e tem valores superiores ao saldo total. Isso é válido tanto para 2019 como para 2020. Já para os produtos de alta complexidade o saldo permanece negativo em todos os meses de ambos os anos. Em 2020 os menores resultados ocorreram em janeiro (US\$ -6,4 bilhões) e março (US\$ -5,6 bilhões).

Na Figura 3C, por fim, são analisados os saldos comerciais dos estados, divididos entre estados com estrutura produtiva de alta e baixa complexidade. Diferentemente da análise por grupos de produtos, agora são os estados mais complexos que apresentam movimento mais semelhante ao movimento do saldo total. Contudo, esse saldo se inicia mais negativo que o total em 2020, e só atinge valores positivos em abril e junho (ambos em US\$ 1,1 bilhão). O mês de maio de 2020 é novamente marcado por uma queda muito mais forte do saldo do que observado nesse mesmo mês em 2019. Para os estados de baixa complexidade o quadro é muito diferente: o saldo comercial é sempre positivo e crescente ao longo dos meses, atingindo US\$ 4,7 bilhões em abril de 2020, nível bem superior ao pico de US\$ 3,8 bilhões verificado em maio de 2019.

Figura 3 – Saldo da balança comercial brasileira no primeiro semestre dos anos de 2019 e 2020



Fonte: Elaboração própria com base em dados do Comexstat.

Em resumo, a Figura 3 apresenta quatro informações importantes sobre os saldos comerciais brasileiros durante o primeiro semestre de 2020: (1) com exceção de janeiro, o saldo foi sempre positivo e cresceu ao longo do semestre, o que indica que a queda das exportações brasileiras nesse período foi menor do que a queda das importações; (2) o saldo positivo foi atingido em função do elevado e crescente saldo comercial em bens de baixa complexidade; (3) o saldo comercial em bens de alta complexidade foi negativo ao longo de todo o período, e ainda que tenha se reduzido ao longo do semestre, indica a baixa competitividade relativa da produção nacional desse setor; e (4) o saldo comercial geral positivo foi em grande medida determinado pelos saldos positivos de estados de baixa complexidade.

Vale destacar também que a participação dos principais parceiros comerciais do Brasil nas importações e exportações nos primeiros 6 meses de 2020 permaneceu praticamente inalterada em relação a 2019. Dentre os principais parceiros, a participação da China dos Estados Unidos e do Japão permaneceu relativamente constante nos dois períodos. Ocorreu uma leve redução da participação da Alemanha (-0,7% p.p.) e da Argentina (-1,3% p.p.) nas importações brasileiras. Já em relação às exportações, ocorreu um crescimento expressivo, de 6,4% p.p., na participação da China como principal destino das exportações brasileiras entre o primeiro semestre de 2019 e o de 2020, e queda da participação dos EUA de 3,5 p.p..

Exportações por Estado

A Figura 4 indica os estados que tiveram aumento (tons de azul) e os estados que tiveram queda (tons de vermelho) das exportações em relação ao primeiro semestre de 2019.

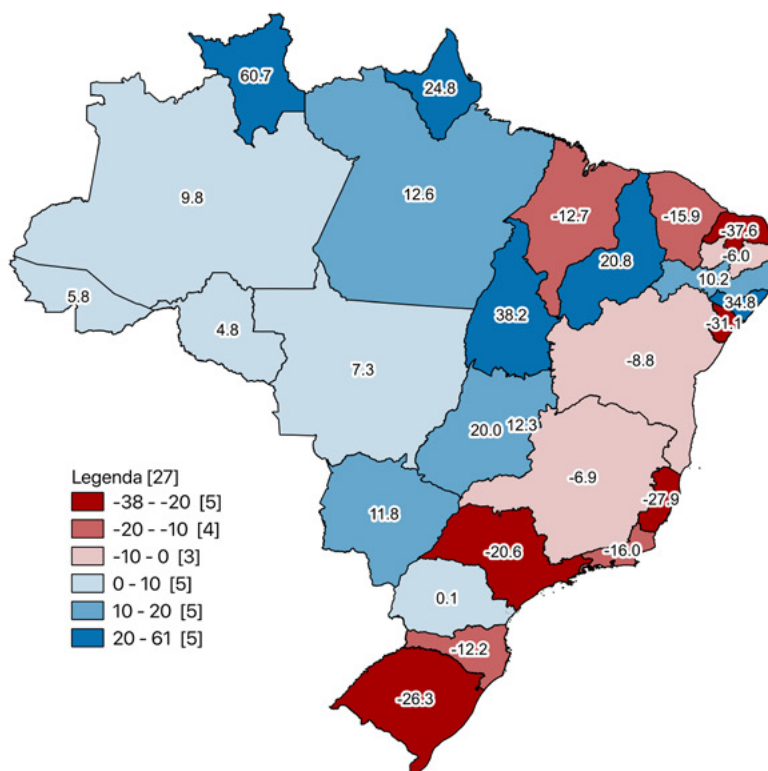
A Figura 4A aponta que os ganhos estiveram concentrados nas regiões Norte e Centro-Oeste, além de Pernambuco, Piauí e Alagoas. Santa Catarina ficou estável, e nos demais estados observou-se queda das exportações. As quedas mais acentuadas (mais de 20%) foram em São Paulo (-20,6%), Rio Grande do Sul (-26,3%), Espírito Santo (-27,9%), Sergipe (-31,1%) e Rio Grande do Norte (-37,6%). Minas Gerais (-6,9%), Bahia (-8,8%) e Paraíba (-6%) tiveram quedas relativamente menores (abaixo de 10%).

A Figura 4B mostra que um padrão bastante semelhante ao da Figura 4A emerge se considerados somente os produtos de baixa complexidade. Do lado positivo, as principais diferenças são o maior aumento de Amazonas e Pernambuco. Do lado negativo, as principais diferenças são as quedas menos expressivas de São Paulo e Rio de Janeiro.

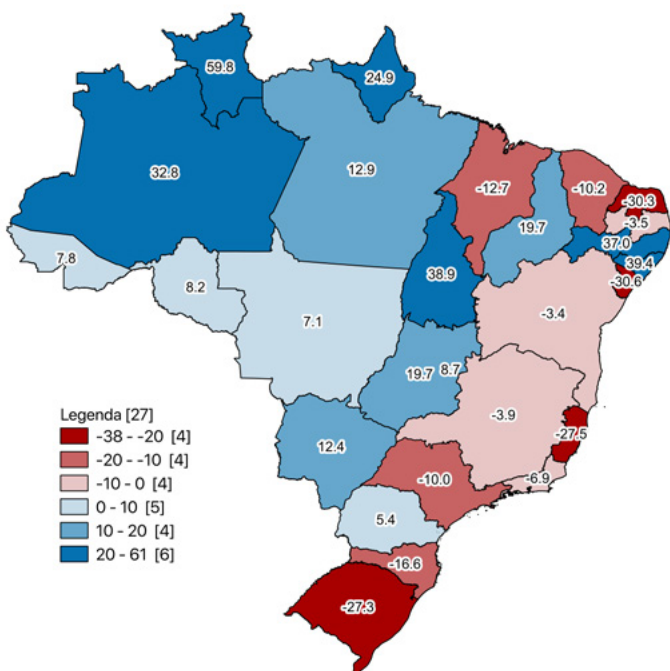
A Figura 4C, porém, indica a alarmante e generalizada queda da produção de bens de alta complexidade no primeiro semestre de 2020 em relação ao primeiro semestre de 2019. Apenas Piauí, Roraima, Mato Grosso e Goiás tiveram aumento nas exportações desses bens, mas que incidem sobre uma base inicial ínfima (ver Figura 5). Por outro lado, 17 estados tiveram queda das exportações de bens de alta complexidade superior a 20% em relação ao primeiro semestre de 2019.

Figura 4 – Variação das exportações dos estados brasileiros em relação ao primeiro semestre de 2019 (%)

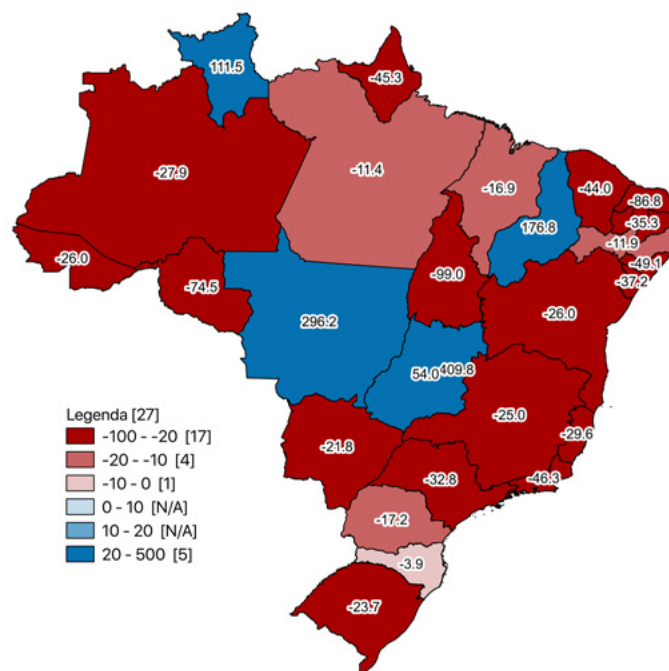
A. Total exportado



B. Produtos de baixa complexidade



C. Produtos de alta complexidade



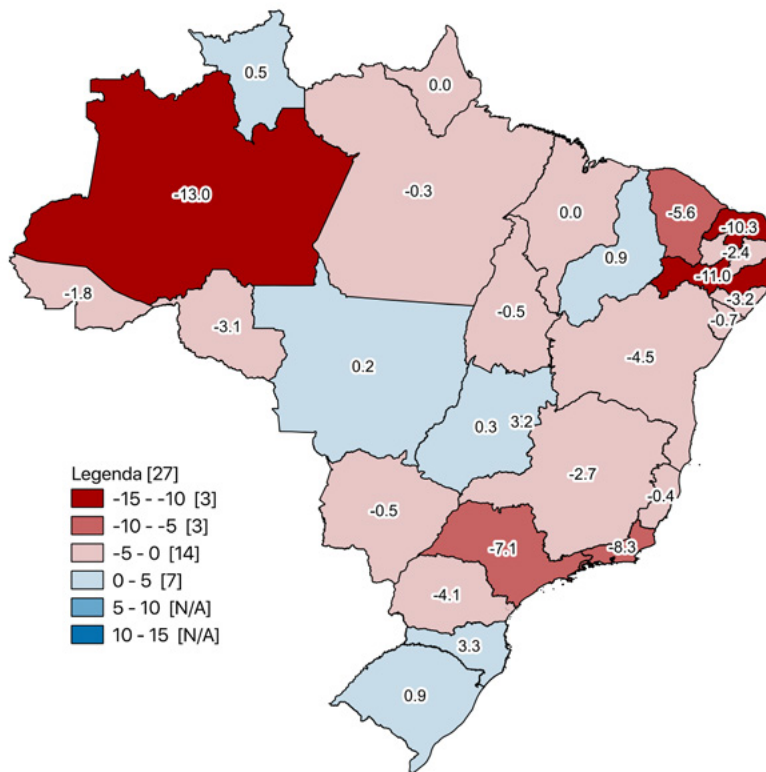
Fonte: Elaboração própria com base em dados do Comexstat.

A Figura 5 mostra a variação da participação das exportações de bens de alta complexidade, ou seja, aborda a composição da pauta de exportação dos estados. Pela Figura 5A, observa-se que apenas 7 estados tiveram aumento (variação positiva – azul) da participação das exportações de alta complexidade. Na maioria desses estados, o aumento foi extremamente modesto. A exceção é Santa Catarina, que teve aumento de 3,3% na participação desse setor. Nos demais 20 estados da federação, observou-se uma queda (variação negativa – vermelho) da participação das exportações desses bens. As quedas mais acentuadas (maiores que 10%) foram em Pernambuco (-11%), Rio

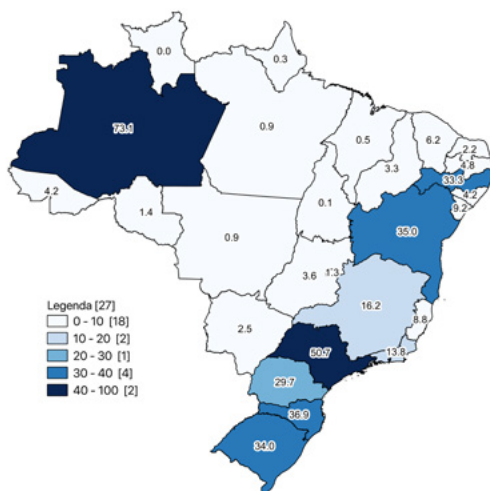
Grande do Norte (-10,3%) e Amazonas (-13%). São Paulo (-7,1%), Rio de Janeiro (-8,3%) e Ceará (-5,6%) vêm em seguida, com quedas superiores a -5%. As Figuras 5B, 5C e 5D, por sua vez, ilustram que a queda da participação das exportações de bens de alta complexidade não é algo novo, mas vem ocorrendo já há mais de uma década.

Figura 5 – Variação da participação das exportações de bens de alta complexidade dos estados brasileiros

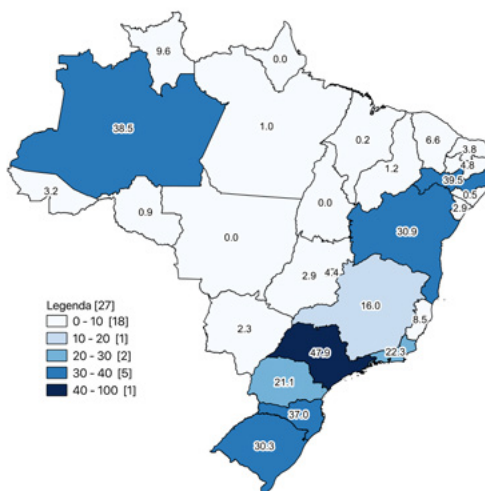
A. Variação (%) da participação de alta complexidade em relação a 2019



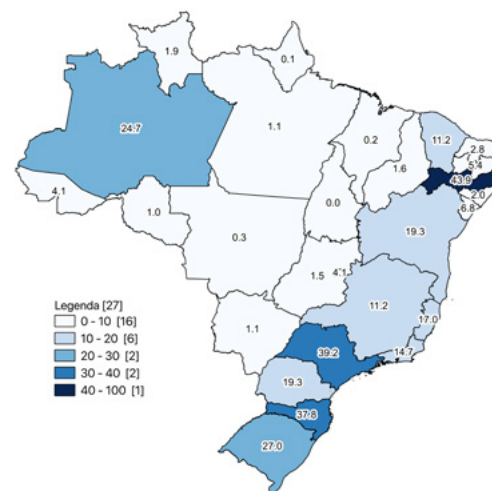
B. Participação em 2010



C. Participação em 2015



D. Participação em 2020



Fonte: Elaboração própria com base em dados do Comexstat.

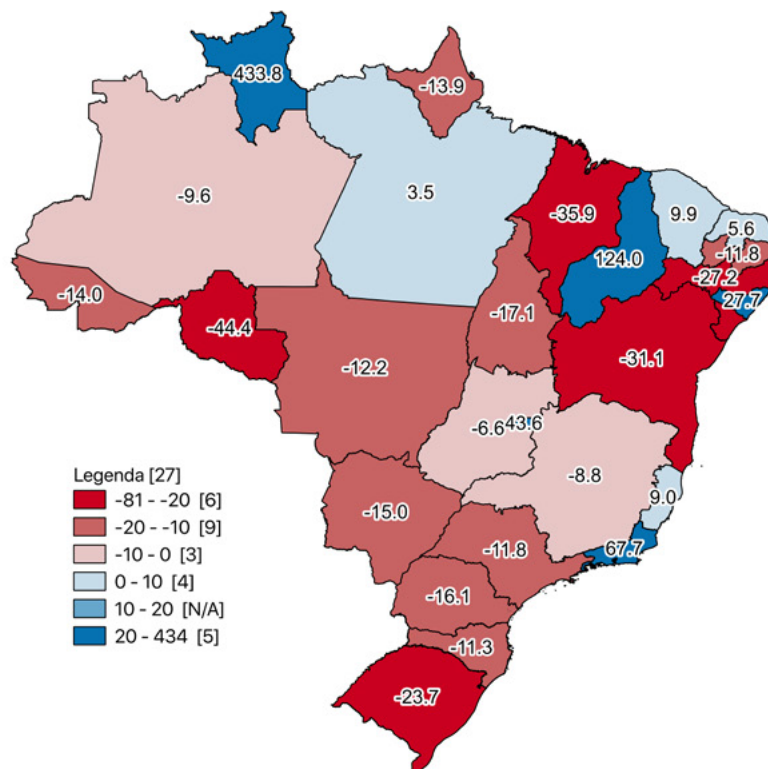
Importações por estado

A Figura 6 indica os estados que tiveram aumento (tons de azul) e os estados que tiveram queda (tons de vermelho) das importações em relação ao primeiro semestre de 2019.

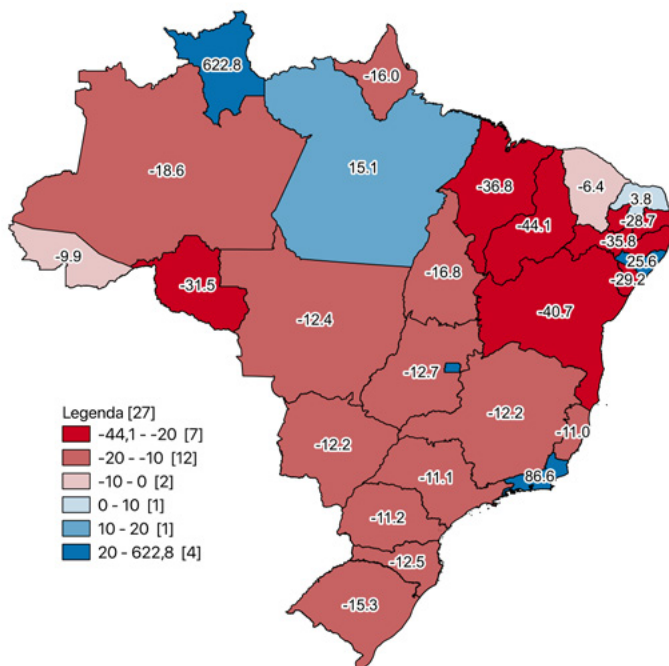
A Figura 6A aponta que apenas 9 dos 27 estados tiveram aumento de importações em relação a 2019: Roraima, Piauí, Pará, Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas, Rio de Janeiro, Espírito Santo e o Distrito Federal (DF). As quedas mais acentuadas (mais de 20%) foram em Rondônia (-44,4%), Maranhão (-35,9%), Bahia (-31,1%), Pernambuco (-27,2%) e Rio Grande do Sul (-23,7%). Minas Gerais (-8,8%), Goiás (-6,6%) e Amazonas (-9,6%) foram os estados que tiveram as menores quedas (abaixo de 10%).

Figura 6 – Variação das importações dos estados brasileiros em relação ao primeiro semestre de 2019 (%)

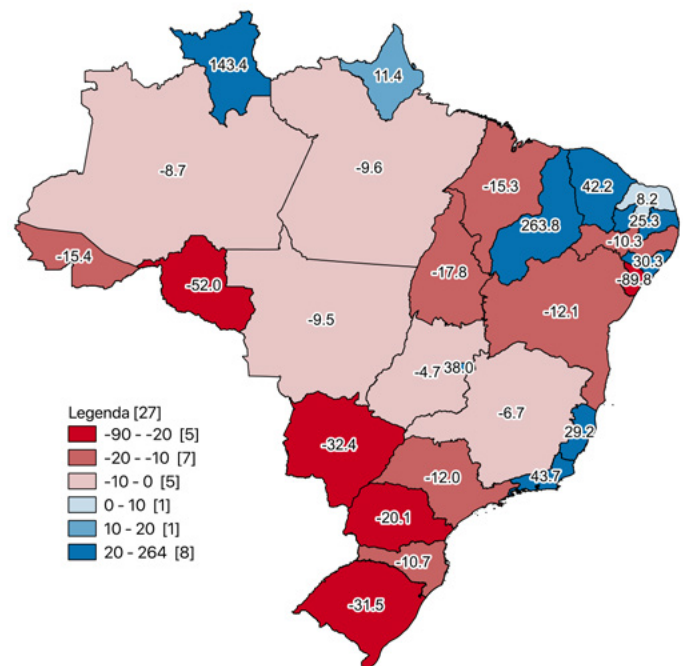
A. Total exportado



B. Produtos de baixa complexidade



C. Produtos de alta complexidade



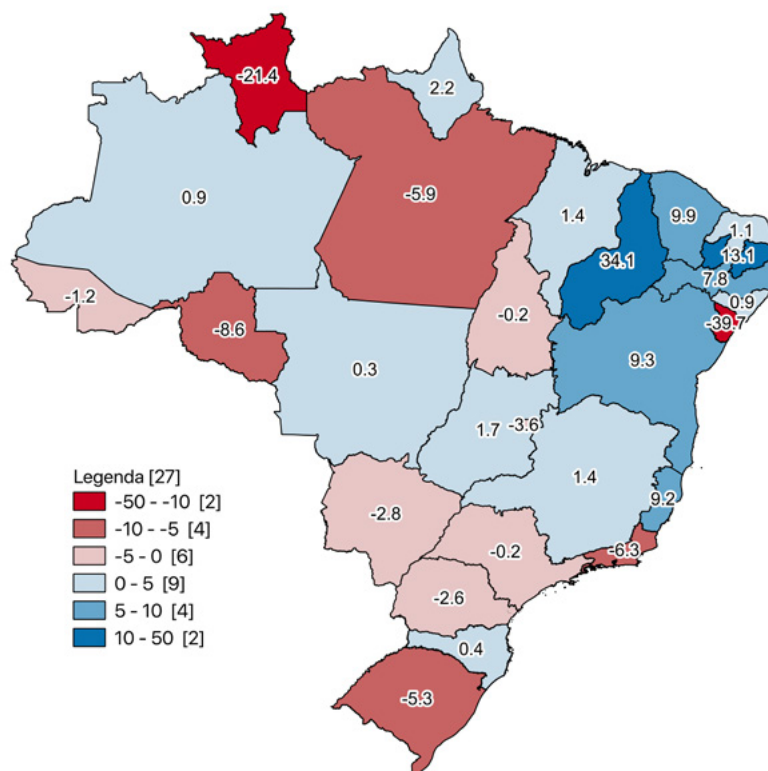
Fonte: Elaboração própria com base em dados do Comexstat.

Comparando as Figuras 6B e 6C observa-se que a queda das importações foi maior para os produtos de menor complexidade. As maiores quedas na importação de produtos de baixa complexidade foram observadas em Rondônia (-31,5%), Bahia (-40,7%), Maranhão (-36,8%), Piauí (-44,1%), Pernambuco (-38,5%), Paraíba (-28,7%) e Sergipe (-29,2%). Já para os produtos de alta complexidade, as maiores quedas foram em Rondônia (-52%), Mato Grosso do Sul (-32,4%), Paraná (-20,1%) e Rio Grande do Sul (-31,5%).

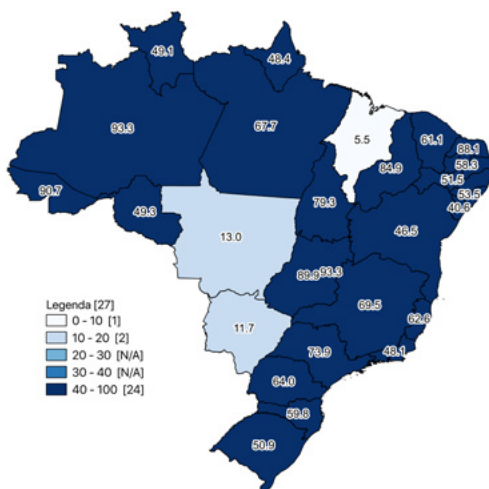
É interessante notar ainda que 10 estados tiveram aumento das importações de alta tecnologia, o que reforça a perda de competitividade da produção doméstica desse setor, como já observado na análise das exportações. Dentre os estados com produção competitiva mais relevante de bens de alta complexidade (participação das exportações acima de 10%), destaca-se o aumento expressivo (superior a 20%) das importações desses bens no Ceará, Rio de Janeiro e Espírito Santo.

Figura 7 – Variação da participação das importações de bens de alta complexidade dos estados brasileiros

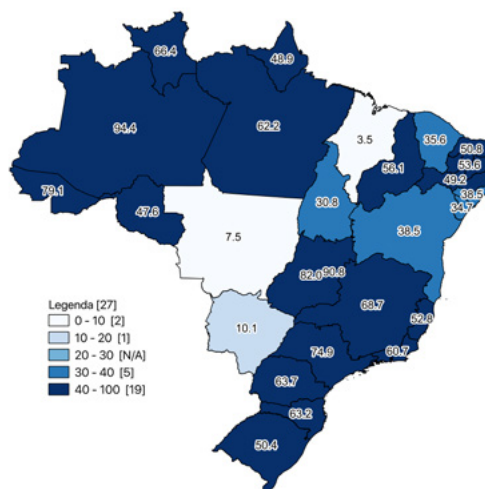
A. Variação (%) da participação de alta complexidade em relação a 2019



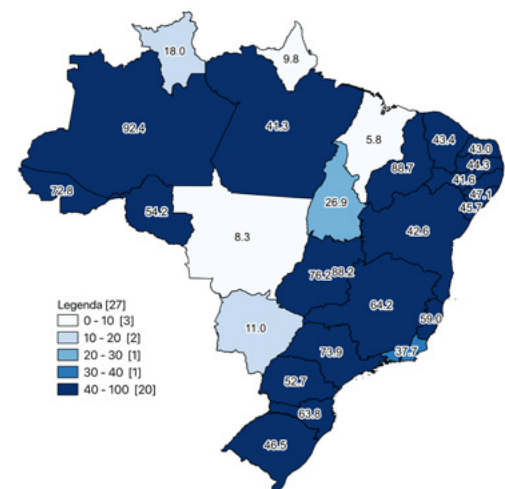
B. Participação em 2010



C. Participação em 2015



D. Participação em 2020



Fonte: Elaboração própria com base em dados do Comexstat.

A Figura 7 mostra a variação da participação das importações de bens de alta complexidade, ou seja, aborda a composição da pauta de importação dos estados. Pela Figura 7A, observa-se que em 15 estados houve aumento (variação positiva – azul) da participação das importações de alta complexidade. Em 9 desses estados, o aumento foi modesto (menor que 5%). Os maiores aumentos ocorreram nos estados do Nordeste: Piauí (34,1%), Paraíba (13,1%), Ceará (9,9%), Bahia (9,3%) e Pernambuco (7,8%).

A Figura 7B ilustra que a participação das importações de bens de alta complexidade já era bastante elevada ainda em 2010, com 24 dos 27 estados com pauta de importação de bens de alta complexidade acima de 40%. A Figura 7C mostra, porém, que de 2010 para 2015 observou-se uma queda da participação das importações de alta complexidade, sendo que nesse ano apenas 19 estados tiveram participação das importações desse setor superior a 40%. Esse quadro se reverte levemente em 2020.

É importante ter em mente que as importações de bens de alta complexidade não necessariamente indicam queda da capacidade produtiva local dos bens desse setor, uma vez que o mesmo é caracterizado por um comércio intra-indústria mais intenso. Além disso, a produção de bens de alta complexidade é, em geral, mais integrada em cadeias internacionais mais amplas. Apesar disso, o aumento das importações desses bens em diversos estados, mesmo em meio à crise, é algo alarmante, sobretudo porque verifica-se, no mesmo período, uma forte queda das exportações brasileiras desse setor.

Balança Comercial por Estado

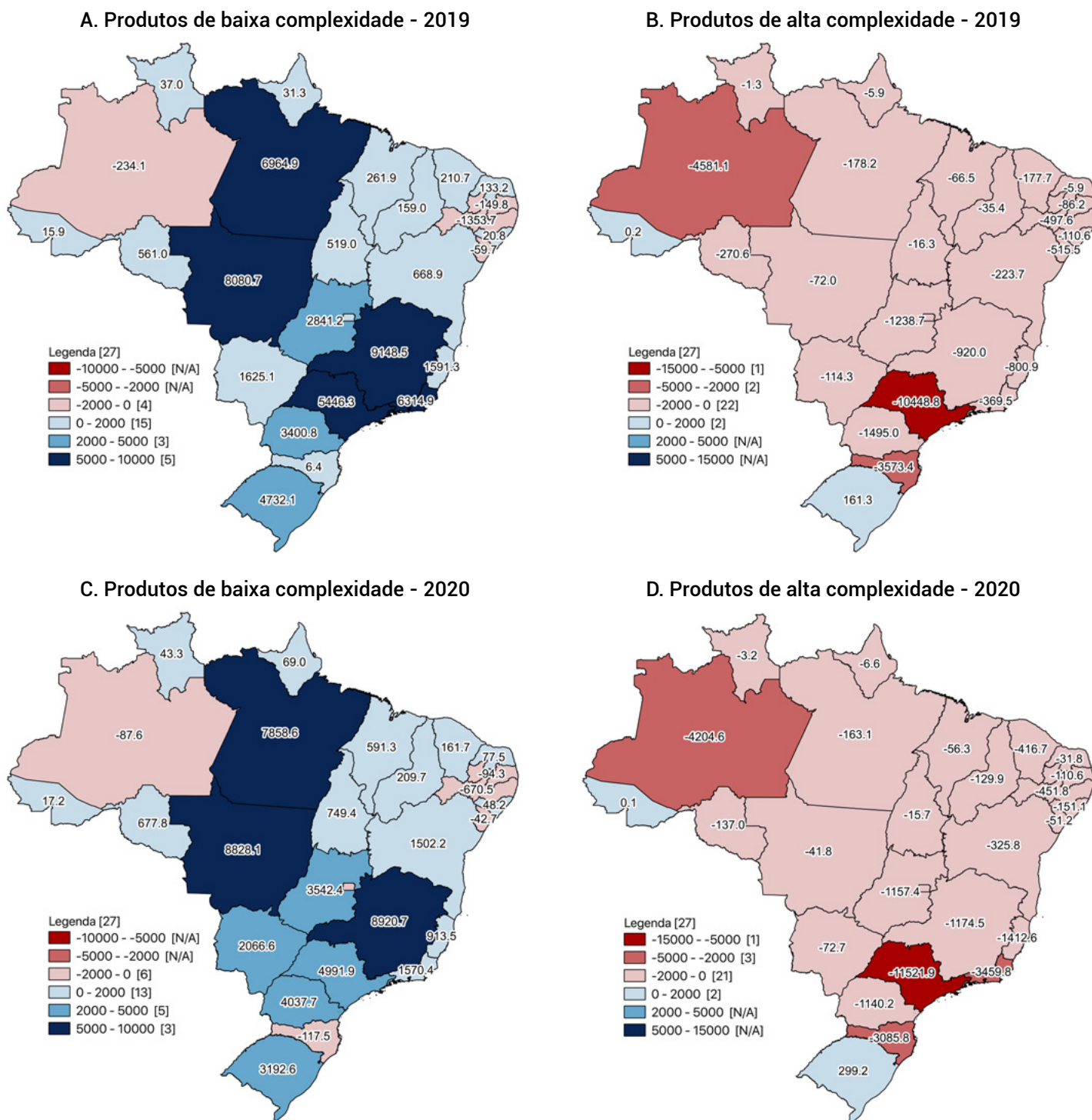
A Figura 8 indica os estados que tiveram saldo comercial positivo (tons de azul) e os estados que tiveram saldo comercial negativo (tons de vermelho) no primeiro semestre de 2019 e 2020, considerando separadamente produtos de baixa e alta complexidade.

A Figura 8A mostra que 23 das 27 UFs tiveram saldo comercial positivo no primeiro semestre de 2019 para produtos de baixa complexidade, com destaque para o Pará (US\$ 6,9 bilhões), Mato Grosso do Sul (US\$ 8 bilhões), Minas Gerais (US\$ 9,1 bilhões), Rio de Janeiro (US\$ 6,3 bilhões) e São Paulo (US\$ 5,4 bilhões). Já para os produtos de alta complexidade, a Figura 8B mostra que 25 dos 27 UFs tiveram saldo comercial negativo nesses bens, com destaque para São Paulo (US\$ -10,4 bilhões), Amazonas (US\$ -4,6 bilhões) e Santa Catarina (US\$ -3,6 bilhões).

As Figuras 8C e 8D indicam que um padrão muito semelhante verificado em 2020. Com relação à balança de baixa complexidade, destaca-se a queda expressiva dos resultados de São Paulo (US\$ 0,5 bilhão) e Rio de Janeiro (US\$ 1,6 bilhão). Com relação à balança de alta complexidade, destaca-se o forte aumento do déficit comercial do Rio de Janeiro (US\$ -3,5 bilhões), que se torna 10 vezes maior do que o observado em 2019.

Por fim, cabe registrar que alguns estados apresentaram saldo comercial negativo para ambas as categorias de produtos: Amazonas, Santa Catarina, Paraíba, Pernambuco e Sergipe.

Figura 8 – Saldo da balança comercial dos estados brasileiros no primeiro semestre dos anos de 2019 e 2020 (milhões de US\$)



Fonte: Elaboração própria com base em dados do Comexstat.

Em resumo, a Figura 8 apresenta três informações importantes sobre os saldos comerciais brasileiros durante o primeiro semestre de 2020: (1) a grande maioria dos estados teve saldo comercial positivo em produtos de baixa complexidade e negativo em produtos de alta complexidade; (2) em 2020 os saldos positivos em bens de baixa complexidade tenderam a aumentar na maioria dos estados; e (3) em 2020 os saldos comerciais negativos em bens de baixa complexidade tenderam a diminuir na maioria dos estados.

Considerações Finais

Dentre os principais resultados apresentados por este Boletim ressalta-se o impacto negativo da epidemia sobre as exportações de bens de alta complexidade, que já vinham caindo nos últimos anos. Vários estudos⁹ indicam que a redução da produção competitiva de bens de alta complexidade, caso se torne permanente, gerará efeitos negativos sobre a taxa de crescimento do PIB per capita brasileiro, sobre o nível de desigualdade de renda, e sobre a intensidade de emissões de gases de efeito estufa.

É fundamental que as autoridades públicas elaborem e executem políticas voltadas para reverter os efeitos da epidemia sobre a produção de bens de alta complexidade, exatamente para evitar uma regressão ainda mais forte na produtividade e na competitividade do país no futuro próximo.

⁹ Seguindo as evidências empíricas apresentadas por Hidalgo e Hausmann (2009), Hausmann et al. (2007; 2011), Hartmann et al. (2017) e Romero e Gramkow (2020)

O QUE É A REDE

Somos mais de 70 pesquisadores mobilizados para aperfeiçoar a qualidade das políticas públicas do governo federal, dos governos estaduais e municipais que procuram atuar em meio à crise da Covid-19 para salvar vidas. Colocamos nossas energias no levantamento rigoroso de dados, na geração de informação criteriosa, na criação de indicadores, na elaboração de modelos e análises para acompanhar e identificar caminhos para as políticas públicas e examinar as respostas que a população oferece.

A Rede de Pesquisa Solidária conta com pesquisadores das Humanidades, das Exatas e Biológicas, no Brasil e em outros países. Para nós, a fusão de competências e técnicas é essencial para se enfrentar a atual pandemia. O desafio é enorme, mas é especialmente entusiasmante.

E jamais seria realidade se não fosse a contribuição generosa de instituições e doadores privados que responderam rapidamente aos nossos apelos. A todos os que nos apoiam, nosso muito obrigado.

Visite nosso site: <https://redepesquisasolidaria.org/>

Siga a Rede de Pesquisa Solidária na redes sociais



QUEM FAZ

Comitê de Coordenação

Glauco Arbix (USP), João Paulo Veiga (USP), Fabio Senne (Nic.br), José Eduardo Krieger (InCor-Faculdade de Medicina USP), Rogério Barbosa (Centro de Estudos da Metrópole), Ian Prates (Cebrap, USP e Social Accountability International), Graziela Castelo (CEBRAP) e Lorena Barberia (USP)

Coordenação Científica Lorena Barberia (USP)

Editores Glauco Arbix, João Paulo Veiga e Lorena Barberia

Doações e contato redepesquisasolidaria@gmail.com

Consultores Alvaro Comin (USP) • Diogo Ferrari (Universidade de Chicago) • Flavio Cireno Fernandes (Prof. da Escola Nacional de Adm. Pública e Fundação Joaquim Nabuco) • Márcia Lima (USP e AFRO-Núcleo de Pesquisa e Formação em Raça, Gênero e Justiça Racial) • Marta Arretche (USP e Centro de Estudos da Metrópole - CEM) • Renata Bichir (USP e CEM) • Guy D. Whitten (Texas A&M University) • Arachu Castro (Tulane University)

Design Claudia Ranzini

Equipe responsável pela Nota Técnica No.19

Pesquisadores João P. Romero (Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional – CEDEPLAR, da UFMG) • Elton Freitas (CEDEPLAR-UFMG)

Agradecemos ao BDMG pelo apoio à pesquisa que foi base para esta Nota Técnica

Instituições parceiras



Instituições de apoio

